
 SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA/SECRETARIA DE EDUCAÇÃO POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DE GOIÁS COMANDO DE ENSINO POLICIAL MILITAR COLÉGIO DA POLÍCIA MILITAR UNIDADE POLIVALENTE MODELO VASCO DOS REIS 			
SÉRIE/ANO: 7 ^{ºs}	TURMA(S): ____	Disciplina: História 1 ^º Bimestre	DATA: ____ / ____ / 2018
PROFESSOR (A): MARTHA J. DA SILVA		TEXTO COMPLEMENTAR SOBRE: CRISTÃOS E MUÇULMANOS DURANTE A ALTA IDADE MÉDIA	
ALUNO(A): _____ Nº ____			

TEXTO PARTE 1 – CRISTÃOS DURANTE A ALTA IDADE MÉDIA

PENSANDO A IDADE MÉDIA

A Idade Média é o período que se inicia com a Queda do Império Romano do Ocidente, 476 d. C. e se finda entre a Conquista de Constantinopla 1453, a chegada do Europeus a América (1492) ou ano da Reforma Protestante (1519). Esse grande período, para facilitar o seu estudo é subdividido em dois períodos: a **Alta Idade Média** (dos séculos V ao X), quando ocorreu a formação de uma nova sociedade a partir da articulação de elementos romanos e germânicos; e a **Baixa Idade Média** (séculos XI ao XVI), período do desenvolvimento do feudalismo e da crise da ordem feudal na Europa.

Alta Idade Média século V a X	Baixa Idade Média século X a XV
• invasões bárbaras	• Cruzadas
• descentralização política	• renascimento comercial
• ruralização da sociedade	• ressurgimento urbano
• formação do feudalismo	• crise do feudalismo
• consolidação da Igreja	• surgimento da burguesia e do capitalismo

OS REINOS GERMÂNICOS

Conquistados os territórios do Império Romano do Ocidente, a partir do século V d. C., os povos germânicos estabeleceram pequenos reinos, ainda muito frágeis e com alguns problemas. Em primeiro, os germânicos eram minoria em relação à população das regiões ocupadas e divididos em inúmeros reinos e tribos, rivais entre si que resultaram em sucessivas guerras e rebeliões.

E, segundo suas leis eram aplicadas e seguidas de acordo com o costume de muitos séculos de história. E em terceiro, os germânicos não haviam constituído Estados antes do século V, não dispunham de instituições fortes, corpo de funcionários e administrativo centralizada e eficaz. Por fim, muitos dos germanos eram politeístas conflitando com a religião cristã monoteísta que se estabelecera na Europa, desde o século I.

No início das dominações germânicas as áreas de cultivo controladas por germânicos e áreas que pertenciam aos antigos senhores, que deviam algum tipo de tributo aos conquistadores tiveram que conviver lado a lado. Esta questão só foi resolvida com o tempo, quando começou a se formar uma aristocracia romano-germânica a partir do casamento de filhos de ambas as partes. Houve também resistências internas e as guerras que ocasionaram o enfraquecimento e o fim do Reino dos Vândalos no século VI.

Se formava também uma fusão na base da sociedade, os trabalhadores, camponeses dependentes (colonos) ou escravos, também passaram, com o tempo a realizar casamentos mistos. Na cultura os germanos tiveram de dominar regiões onde havia uma cultura escrita e cuja administração dependia de pessoas conhecedora da língua latina que pudessem dar continuidade às tarefas administrativas.

A IGREJA E OS REINOS GERMÂNICOS

A Igreja Cristã, foi a única instituição que se manteve forte face à queda do Império Romano do Ocidente, ela era composta de um conjunto de letrados e se tornou indispensável para que os novos conquistadores pudessem garantir a sua dominação.

Ao se aproximarem da Igreja de Roma, os reinos tornavam-se mais poderosos, pois passavam contar com a ajuda dessa instituição para organizar seus Estados. O latim, mantido na parte Ocidental do Império como língua escrita, passaria a ser identificado, com os integrantes da Igreja cristã. Entre os séculos V e VI, os padres cristãos combateram fortemente a mitologia germânica, considerando-a como um conjunto de crendices.

O REINO FRANCO

Foi o primeiro Estado germânico a seguir as orientações de Roma, em 493, o rei Clóvis converteu-se ao cristianismo. Com o apoio da igreja o rei recebe também o apoio da população da Gália (atual França) contra outros povos germânicos rivais.

Clóvis fundou a dinastia merovíngia, uma homenagem a seu avô Meroveu, com o auxílio da Igreja, que desejava proteção militar e política, organizou os funcionários do reino. Além disso, o rei Clóvis mandou redigir um conjunto de normas conhecidas como **Lei Sálica**, que apesar de escrita conservava os costumes e as tradições dos francos.

O IMPÉRIO CARONLÍNGIO

No reino Franco, os funcionários reais mais poderosos eram os *Mojordomos* (mordomo) ou **prefeitos do palácio**. Após a morte de Clóvis, em 511, os mordomos estabeleceram-se como os funcionários encarregados da distribuição de cargos, funções, terras e outros bens e riquezas. Com o tempo, muito do poder dos monarcas francos passou a ser exercido pelos prefeitos dos palácios.

No início do século VIII, o mordomo Carlos Martel conseguiu centralizar o poder em suas mãos e aproxima-se ainda mais da Igreja de Roma e garantiu que seu

filho, Pepino, o Breve, fosse coroado rei, iniciando, em 751, a dinastia carolíngia, em homenagem a Carlos Matel.

Mas foi Carlos Magno, rei franco desde 768, que se tornaria o soberano mais importante desta dinastia. Para organizar o reino Carlos Magno o subdividiu em condados, área administrativas e militares que eram cedidas a homens de sua inteira confiança.

A FRAGMENTAÇÃO DO PODER

O maior problema para a manutenção do Reino franco residia na capacidade de recrutamento militar e na montagem de exército que pudessem ser rapidamente mobilizados, isso porque, as relações tribais, que garantiam seguidores a um chefe guerreiro, ainda persistiam, em pleno século VIII.

Com Carlos Magno, as relações pessoais entre guerreiros foram estimuladas, pois o próprio rei estabelecia pactos com seus homens mais próximos. Dava-lhes poder, terras e autoridade em troca de auxílio militar. No entanto, após sua morte, o poder fragmentou-se nas mãos de milhares de guerreiros que exerciam a autoridade em seus domínios. O enfraquecimento do poder central, iniciado com a crise do Império Romano, chegava a seu ponto máximo.

AS NOVA INVASÕES

No século IX, do norte da Europa, com capacetes com chifres surgiram os temíveis *vikings*, os “homens do Norte” (north men), os normandos. Eram também germanos, como aqueles que já haviam se estabelecidos no centro da Europa. Os normandos eram ótimos navegantes e construtores de grandes barcos de madeira.

Do Sul, pela África, chegaram os árabes muçulmanos, que dominaram a Península Ibérica e as Ilhas Córsega e Sicília. Do Leste, os magiares (húngaros) também conquistaram regiões da Europa oriental. Os magiares eram entre todos esses povos os mais assustadores para os cristãos, que pertenciam aos mesmos grupos dos hunos, que também se deslocaram da Ásia para a Europa à época do fim do Império Romanos do Ocidente.

Ferozes cavaleiros, os hunos, quando jovens, faziam cortes no rosto de modo que as cicatrizes dessem a eles um aspecto assustador. A situação extrema de conflitos vivida no século X mudou a paisagem europeia. Para se proteger dos ataques invasores, poderosos guerreiros mandaram construir enormes habitações fortificadas, os castelos, com suas muralhas altas e fortes, torres de vigia, pontes levadiças e fossos profundos com água ao redor da construção.

O IMPÉRIO BIZANTINO

Enquanto a Europa Ocidental vivia um momento de reorganização política, o Império Romano do Oriente (ou **Império Bizantino**) reagia às investidas dos povos germânicos. E experimentava uma época de esplendor cultural e político sob o regime do imperador Justiniano (527-565).

Com o governo de Justiniano, Constantinopla passou a ser a maior cidade europeia, pois sua localização era estratégica, ponto de passagem entre a Europa e a Ásia. Através de suas rotas, havia muitas trocas comerciais e culturais. Constantinopla era cercada de muralhas, tinha bibliotecas, mosteiros, hospitais, escolas, jardins públicos, hipódromos, residências de todo o tipo, monumentos à maneira de Roma e igrejas.

CRISTIANISMO

O cristianismo era a religião oficial tanto no Império Bizantino quanto no Império Romano do Ocidente, no entanto, na parte oriental, ele desenvolveu características diferentes. Em Bizâncio, o poder religioso subordinava-se ao imperador. O **patriarca**, chefe da Igreja Católica Oriental, era integrante do corpo de funcionários do Estado. Em função disso, alguns estudiosos costumam definir a integração entre Igreja e Estado no Império Bizantino como **cesaropapismo**.

A era bizantina era uma arte religiosa, voltada ao serviço do cristianismo e de sua Igreja, além de ressaltar o poder do imperador. Os bizantinos valorizavam muito a ornamentação, os **mosaicos**, combinações de pequenas pedras de feitio e cores diferentes, formando desenhos, eram prova disso.

As cerimônias imperiais faziam com que o imperador fosse associado à figura divina. Do ponto de vista militar, Justiniano tentou restabelecer o controle de diversas regiões no Mediterrâneo. Suas tropas combatiam as forças germânicas na Península Ibérica, na Península Itálica e no norte da África. Seus sucessores tentaram, em vão, reunificar o Império Romano a partir de Constantinopla. No entanto, os gastos elevados das obras e das campanhas militares obrigaram os governantes bizantinos a abandonar a ofensiva contra os reinos germânicos no século VIII.